

A GRAVURA POPULAR BRASILEIRA

As razões que determinaram a aparição(o) e o desenvolvimento de uma expressão de arte que exige um mínimo de conhecimentos técnicos como a gravura, nessa região do Nordeste do Brasil, ainda estão por ser esclarecidas. Seria talvez interessante aproximar esse fato curioso, ^{do gosto} ~~da existência~~ natural que têm as populações humildes pela gravura. ~~Mesmo considerando que~~ o nordestino, ^{em geral,} dotado de grande vivacidade de espírito e inteligente, ^{ainda} considerando que o ritmo de vida local, onde a noção do tempo e o tempo mesmo têm outra escala, modulada ao capricho de fenômenos geo-físicos que determinam uma agricultura e uma pecuária que têm mais de pitoresco que de rendável, que este ritmo de vida deu ao homem tempo para sonhar e cultivar o sonho e a divagação em longas caminhadas solitárias pelas caatingas, tãdas estas considerações não chegam a explicar satisfatoriamente a rica cultura popular ainda virgem ^{em parte} deste sertão do nordeste do Brasil. Seria talvez simplista ~~querer~~ considerar a gravura popular do nordeste como fruto de geração espontânea. O melhor caminho seria talvez começar por ligá-la às influências que recebeu essa região durante o período colonial e daí tirar conclusões. O nordeste brasileiro conheceu ⁵ quatro tipos de influências: portuguesa, holandesa, francesa, africana e índia. As três primeiras são as mais susceptíveis de terem introduzido a técnica da gravura. Ela poderia ter sido a principio utilizada pelas missões religiosas e existido em forma de "images volantes", santos, orações e escapulários, que guardam, até hoje, um caráter xilográfico. Não nos parece que ela ^{tenha sido uti-} ~~tenha sido uti-~~ lizada ~~na~~ na impressão de cartas de baralho nem na estamperia de tecidos. A ~~exceção~~ exceção de certos casos isolados, onde foi utilizada em rótulos de garrafas de cachaça, podemos afirmar que chegou aos nossos dias ligada a essa literatura popular, da qual é impossível dissociá-la. Assim, até que seja provado o contrário, melhor seria considerar a gravura popular do Brasil ~~orianda ou pelo menos~~ contemporânea da aparição da imprensa ^{no Brasil} ~~como~~ consequência ^{direta} dessa literatura ~~popular~~ popular.

Na ausência ^{das} ~~de~~ pinturas, exculturas e vitrais que influenciaram os gravadores europeus, o gravador brasileiro teve que partir de estamaps

impressas das mais diversas origens. É a estampa influenciando a gravura. E ele lançou mão do que encontrou: livros ilustrados, revistas, cartões-postais, imagens de santos, etc. Não se pode ^{deu jobs} ~~opor dúvidas quanto~~ à origem de uma gravura como a que ilustra o livro "Carlos Magno e os 12 pares de França (28), ou ainda dêsse leão de estilo puramente heráldico (nº30). Certas gravuras de santos e principalmente os dois Calvários (nºs 12 e 76), ambas com um pronunciado sabor de gravura primitiva européia, não escondem suas origens; mas há também, ² infelizmente, a gravura de invenção, que constitui a maior parte dessas três mil gravuras que ainda circulam no Nordeste do Brasil. Esses monstros e demônios, os clássicos cantadores de viola, e mesmo êsse "Ladrão de Bagdá" (117), onde o gravador Damásio Paulo, na falta de uma documentação mais precisa, não hesitou em dar aos principês orientais paramentos de toureiros. Certos temas como o do Cangaço deu ao gravador popular grandes oportunidades, ~~tanto pela popularidade~~ ^{tanto pela popularidade} do assunto como pela riqueza plástica ~~de sua indumentaria~~ ^{do cangaço} que permitiu aos artistas astuciosas soluções gráficas. São inúmeras e belas as gravuras representando Lampião e outros bandidos célebres do sertão. Penso nessa serie de gravuras de João Pereira da Silva (nºs 67, 68, 69 e 70) que ilustra um livro sobre as façanhas do famoso cangaceiro.

Considerando que essa zona do Brasil é formada na sua quase totalidade por populações rurais e semi-rurais, é curioso observar-se a ausência do tema agrícola entre os ~~temas~~ que interessaram ao poeta e gravadores populares.

Embora a gravura popular brasileira tenha preocupado desde muitos aos estudiosos, somente agora o Museu de Arte da Universidade do Ceará começou a elaborar o catálogo desta gravura, separando-a por zonas, tentando estabelecer datas, autores, editores. Trabalho lento certamente, mas escrupulosamente feito, o que nos leva a esperar, dentro em pouco, poder contar com a existencia de um estudo histórico-crítico dessa gravura popular, talvez a única viva no mundo.

de uma gravura

As razões que determinaram a aparição e o desenvolvimento de uma expressão de arte que exige um mínimo de conhecimentos técnicos, como a gravura, nessa região do Nordeste do Brasil, ainda estão por ser esclarecidas. Seria talvez interessante aproximar esse fato curioso do gosto natural que têm as populações humildes pela gravura. Embora admitindo que o nordestino, é, em geral, dotado de grande vivacidade de espírito e inteligente, e mesmo considerando que o ritmo de vida local, onde a noção do tempo e o tempo mesmo têm outra escala, modulada ao capricho de fenômenos geo-físicos que determinam uma agricultura e uma pecuária que têm mais de pitoresco que de rendável, que este ritmo de vida deu ao homem o tempo para sonhar e cultivar o sonho e a divagação em longas caminhadas solitárias pelas caatingas, todas estas considerações não chegam a explicar satisfatoriamente a rica cultura popular ainda virgem em pleno século XX, neste sertão do nordeste do Brasil. Seria talvez simplista considerar a gravura popular do nordeste como fruto de geração espontânea. O melhor caminho seria talvez começar por ligá-las às influências que recebeu essa região durante o período colonial e daí tirar conclusões. O nordeste brasileiro conheceu cinco tipos de influências: portuguesa, holandesa, francesa, africana e índia. As três primeiras são as mais susceptíveis de terem introduzido a técnica da gravura. Ela poderia ter sido a princípio utilizada pelas missões religiosas e existido em forma de "imagens volantes", santos, orações e escapulários, que guardam, até hoje, um caráter xilográfico. Não nos parece que ela tenha sido utilizada na impressão de cartas nem na estamperia de tecidos. A exceção de certos casos isolados, onde foi utilizada em rótulos de garrafas de cachaça, podemos afirmar que chegou aos nossos dias ligada a essa literatura popular, da qual é impossível dissociá-la. Assim, até que seja provado o contrário, melhor seria considerar a gravura popular do Brasil contemporânea da aparição da imprensa no Norte brasileiros e consequência direta dessa literatura popular.

Na ausência das pinturas, esculturas e vitrais, que influenciaram os gravadores europeus, o gravador brasileiro teve que partir de estampas

impressas das mais diversas origens. É a estampa influenciada a gravura. E ele lançou mão do que encontrou: livros ilustrados, revistas, cartões-postais, imagens de santos, etc. Não se pode duvidar da origem de uma gravura como a que ilustra o livro "Carlos Magno e os 12 pares de França" (28), ou ainda dêsse leão de estilo puramente heráldico (30). Certas gravuras de santos e principalmente os dois Calvários (12 e 76), ambas com um pronunciado sabor de gravura primitiva européia, não escondem suas origens; mas há também, e felizmente, a gravura de invenção, que constitui a maior parte dessas três mil gravuras que ainda circulam no Nordeste do Brasil. Esses monstros e demônios, os clássicos cantadores de viola, e mesmo êsse "Ladrão de Bagdá" (31) (55), onde o gravador Damásio Paulo, na falta de uma documentação mais precisa, não hesitou em dar aos príncipes orientais paramentos de toureiros. Certos temas como o do Cangaço deu ao gravador popular grandes oportunidades, tanto pela popularidade do assunto como pela riqueza plástica da indumentária do cangaceiro, que permitiu aos artistas astutas soluções gráficas. São inúmeras e belas as gravuras representando Lampião e outros bandidos célebres do sertão, *com esta a série* Penso nessa série de gravuras de João Pereira da Silva (67, 68, 69 e 70) que ilustra um livro sobre as façanhas do famoso cangaceiro.

Considerando que essa zona do Brasil é formada na sua quase totalidade por populações rurais e semi-rurais, é curioso observar-se a ausência do tema agrícola entre os que interessaram ao poeta e gravadores populares.

verbo preocupando
Embora a gravura popular brasileira tenha preocupado desde muito aos estudiosos, somente agora o Museu de arte da Universidade do Ceará começou a elaborar o catálogo desta gravura, separando-a por zonas, tentando esta belecer datas, autores, editores. Trabalho lento, certamente, mas escrupulosamente feito, o que nos leva a esperar, dentro em pouco, poder contar com a existência de um estudo histórico-crítico dessa gravura popular, talvez a única viva no mundo!

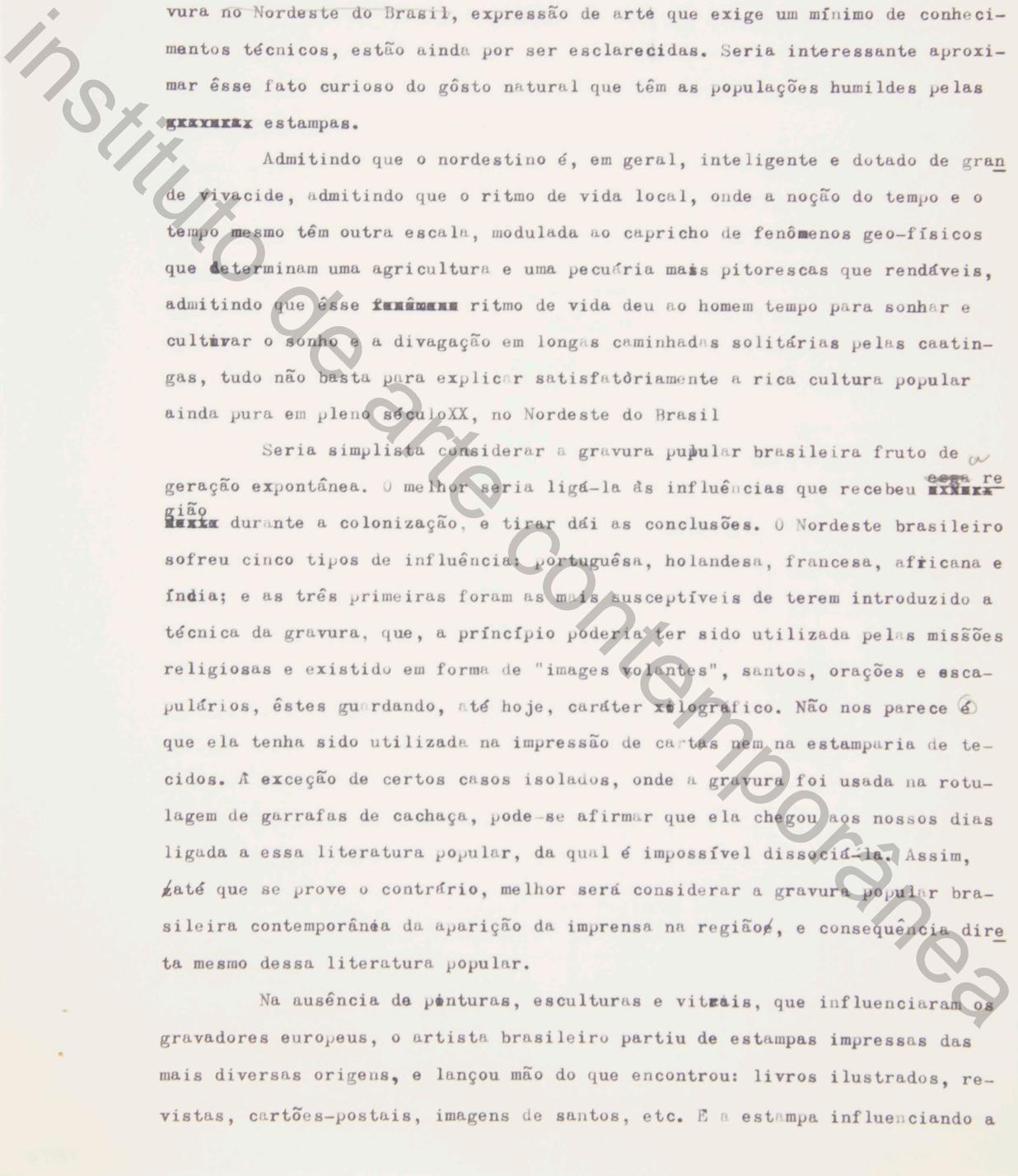
(No Nordeste do Brasil)

As razões que determinaram a aparição e o desenvolvimento de uma gravura no Nordeste do Brasil, expressão de arte que exige um mínimo de conhecimentos técnicos, estão ainda por ser esclarecidas. Seria interessante aproximar esse fato curioso do gosto natural que têm as populações humildes pelas ~~XXXXXX~~ estampas.

Admitindo que o nordestino é, em geral, inteligente e dotado de grande vivacidade, admitindo que o ritmo de vida local, onde a noção do tempo e o tempo mesmo têm outra escala, modulada ao capricho de fenômenos geo-físicos que determinam uma agricultura e uma pecuária mais pitorescas que rendáveis, admitindo que esse ~~XXXXXX~~ ritmo de vida deu ao homem tempo para sonhar e cultivar o sonho e a divagação em longas caminhadas solitárias pelas caatingas, tudo não basta para explicar satisfatoriamente a rica cultura popular ainda pura em pleno século XX, no Nordeste do Brasil

Seria simplista considerar a gravura popular brasileira fruto de uma geração espontânea. O melhor seria ligá-la às influências que recebeu ~~XXXXXX~~ ^{essa re} ~~XXXXXX~~ ^{gião} durante a colonização, e tirar daí as conclusões. O Nordeste brasileiro sofreu cinco tipos de influências: portuguesa, holandesa, francesa, africana e índia; e as três primeiras foram as mais susceptíveis de terem introduzido a técnica da gravura, que, a princípio poderia ter sido utilizada pelas missões religiosas e existido em forma de "imagens volantes", santos, orações e escapulários, estes guardando, até hoje, caráter xilográfico. Não nos parece ~~é~~ que ela tenha sido utilizada na impressão de cartas nem na estamperia de tecidos. À exceção de certos casos isolados, onde a gravura foi usada na rotulagem de garrafas de cachaça, pode-se afirmar que ela chegou aos nossos dias ligada a essa literatura popular, da qual é impossível dissociá-la. Assim, ~~até~~ que se prove o contrário, melhor será considerar a gravura popular brasileira contemporânea da aparição da imprensa na região, e consequência direta mesmo dessa literatura popular.

Na ausência de pinturas, esculturas e vitrais, que influenciaram os gravadores europeus, o artista brasileiro partiu de estampas impressas das mais diversas origens, e lançou mão do que encontrou: livros ilustrados, revistas, cartões-postais, imagens de santos, etc. E a estampa influenciando a



A GRAVURA POPULAR BRASILEIRA

As razões que determinaram a aparição e o desenvolvimento, no Nordeste do Brasil, de uma gravura, expressão de arte que exige um mínimo de conhecimentos técnicos, estão ainda por ser esclarecidas. Seria interessante aproximar esse fato curioso do gosto natural que têm as populações humildes pelas estampas.

Admitindo que o nordestino é, em geral, inteligente e dotado de grande vivacidade, admitindo que o ritmo de vida local, onde a noção do tempo e o tempo mesmo têm outra escala, modulada ao capricho de fenômenos geofísicos que determinam uma agricultura e uma pecuária mais pitorescas que rendáveis, admitindo que esse ritmo de vida deu ao homem tempo para sonhar e cultivar o sonho e a divagação em longas caminhadas solitárias pelas caatingas, tudo não basta para explicar satisfatoriamente a rica cultura popular ainda pura em pleno Século XX, no Nordeste do Brasil.

Seria simplista considerar a gravura popular brasileira fruto de geração espontânea. O melhor seria ligá-la às influências que recebeu a região durante a colonização, e tirar daí as conclusões. O Nordeste brasileiro sofreu cinco tipos de influência: portuguesa, holandesa, francesa, africana e índia; e as três primeiras foram as mais susceptíveis de terem introduzido a técnica da gravura, que, a princípio poderia ter sido utilizada pelas missões religiosas e existido em forma de "imagens volantes", santos, orações e escapulários, estes guardando, até hoje, caráter xilográfico. Não nos parece é que ela tenha sido utilizada na impressão de cartas nem na estampa de tecidos. À exceção de certos casos isolados, onde a gravura foi usada na rotulagem de garrafas de cachaça, pode-se afirmar que ela chegou aos nossos dias ligada a essa literatura popular, da qual é impossível dissociá-la. Assim, até que se prove o contrário, melhor será considerar a gravura popular brasileira contemporânea da aparição da imprensa na região, e consequência direta mesmo dessa literatura popular.

Na ausência de pinturas, esculturas e vitrais, que influenciaram os gravadores europeus, o artista brasileiro partiu de estampas impressas das mais diversas origens, e lançou mão do que encontrou: livros ilustrados, revistas, cartões-postais, imagens de santos, etc. ~~A~~ ^{pois} a estampa, influenciando a gravura. É óbvia a origem da ilustração do livro "Carlos Magno e os 12 pares de França" (28), ou ainda dêsse leão de estilo tão puramente heráldico (30). Certas gravuras religiosas, sobretudo os dois Calvários (12 e 76), ambos com um pronunciado sabor de gravura primitiva europeia, não escondem suas origens. Mas há também a de invenção, que constitui, felizmente, a maior parte dessas três mil gravuras que ainda circulam no Nordeste do Brasil. Os mostros e demônios, os clássicos cantadores de viola, e mesmo esse "Ladrão de Bagdá" (55), onde o gravador Damásio Paulo, à falta de uma documentação mais precisa, não hesitou em dar aos príncipes orientais paramentos de toureiros. Temas como o do Cangaço deram ao artista popular grandes oportunidades, tanto pela popularidade do assunto como pela riqueza plástica da indumentária dos personagens, permitindo aos artistas astuciosas soluções gráficas. Inúmeras e belas são as imagens representando Lampião e outros bandidos célebres do sertão. Veja-se a série de gravuras de João Pereira da Silva (67, 68, 69 e 70) ilustrando um livro sobre as façanhas do famoso cangaço.

Embora a gravura popular brasileira desde muito venha preocupando os estudiosos, somente agora o Museu de Arte da Universidade do Ceará iniciou a sua catalogação, separando-a por zonas, e tentando estabelecer datas, autores e editores. Trabalho lento, certamente, mas escrupulosamente feito, o que nos habilita a contar, dentro em pouco, com a existência de um estudo histórico-crítico dessa gravura popular, talvez a única viva no mundo.

A GRAVURA POPULAR BRASILEIRA

As razões que determinaram a aparição e o desenvolvimento, no Nordeste do Brasil, de uma gravura, expressão de arte que exige um mínimo de conhecimentos técnicos, estão ainda por ser esclarecidas. Seria interessante aproximar esse fato curioso do gosto natural que têm as populações humildes pelas estampas.

Admitindo que o nordestino é, em geral, inteligente e dotado de grande vivacidade, admitindo que o ritmo de vida local, onde a noção do tempo e o tempo mesmo têm outra escala, modulada ao capricho de fenômenos geofísicos que determinam uma agricultura e uma pecuária mais pitorescas que rendáveis, admitindo que esse ritmo de vida deu ao homem tempo para sonhar e cultivar o sonho e a divagação em longas caminhadas solitárias pelas caatingas, tudo não basta para explicar satisfatoriamente a rica cultura popular ainda pura em pleno século XX, no Nordeste do Brasil.

Seria simplista considerar a gravura popular brasileira fruto de geração espontânea. O melhor seria ligá-la às influências que recebeu a região durante a colonização, e tirar daí as conclusões. O Nordeste brasileiro sofreu cinco tipos de influência: portuguesa, holandesa, francesa, africana e índia; e as três primeiras foram as mais susceptíveis de terem introduzido a técnica da gravura, que, a princípio poderia ter sido utilizada pelas missões religiosas e existido em forma de "Imagens Volantes", santos, orações e escapulários, estes guardando, até hoje, caráter xilográfico. Não nos parece é que ela tenha sido utilizada na impressão de cartas nem na estampa-ria de tecidos. À exceção de certos casos isolados, onde a gravura foi usada na rotulagem de garrafas de cabhaça, pode-se afirmar que ela chegou aos nossos dias ligada a essa literatura popular, da qual é impossível dissociá-la. Assim, até que se prove o contrário, melhor será considerar a gravura popular brasileira contemporânea da aparição da imprensa na região, e consequência direta mesmo dessa literatura popular.

Na ausência de pinturas, esculturas e vitrais, que influenciaram os gravadores europeus, o artista brasileiro partiu de estampas impressas das mais diversas origens, e lançou mão do que encontrou: livros ilustrados, revistas, cartões-postais, imagens de santos, etc. É a estampa influenciando a gravura. É óbvia a origem da ilustração do livro "Carlos Magno e os 12 pares de França" (28), ou ainda dêsse leão de estilo tão puramente heráldico (30). Certas gravuras religiosas, sobretudo os dois Calvários (12 e 76), ambos com um pronunciado sabor de gravura primitiva europeia, não escondem suas origens. Mas há também a de invenção, que constitui, felizmente, a maior parte dessas três mil gravuras que ainda circulam no Nordeste do Brasil. Os mostros e demônios, os clássicos cantadores de viola, e mesmo esse "Ladrão de Bagdá" (55), onde o gravador Damásio Paulo, à falta de uma documentação mais precisa, não hesitou em dar aos príncipes orientais paramentos de toureiros. Temas como o do Cangaceiro deram ao artista popular grandes oportunidades, tanto pela popularidade do assunto como pela riqueza plástica da indumentária dos personagens, permitindo aos artistas astuciosas soluções gráficas. Inúmeras e belas são as imagens representando Lampião e outros bandidos célebres do sertão. Veja-se a série de gravuras de João Pereira da Silva (67, 68, 69 e 70) ilustrando um livro sobre as façanhas do famoso cangaceiro.

Embora a gravura popular brasileira desde muito venha preocupando os estudiosos, somente agora o Museu de Arte da Universidade do Ceará iniciou a sua catalogação, separando-a por zonas, e tentando estabelecer datas, autores e editores. Trabalho lento, certamente, mas escrupulosamente feito, o que nos habilita a contar, dentro em pouco, com a existência de um estudo histórico-crítico dessa gravura popular, talvez a única viva no mundo.